

AGÜERA CARMONA, Eduardo (2021). *El Caballo de la frontera (1236-1492). Origen del caballo andaluz.* Córdoba: UCOPress Editorial Universidad de Córdoba, 224 pp., ISBN: 978-84-9927-612-0.

Esta é uma obra de História Ambiental e Animal¹, onde Eduardo Agüera Carmona explora a história do cavalo numa zona geográfica de fronteira entre cristãos e muçulmanos, na Baixa Idade Média, com particular enfoque na origem do cavalo andaluz, temática que o autor tem desenvolvido nos últimos anos. Agüera Carmona foi Professor Catedrático de *Anatomía y Embriología* da *Facultad de Veterinaria de Madrid* e, atualmente, é Professor Catedrático Emérito da *Universidad de Córdoba*. Lecionou, durante 43 anos, a cadeira de *Anatomía y Embriología*, foi Diretor do Mestrado de *Equinotecnia* e Diretor do *Laboratorio de Locomoción Equina*, na *Universidad de Córdoba*. Possui uma vastíssima obra relacionada com o estudo do cavalo e da sua história, com particular interesse no cavalo andaluz e na sua origem.

O livro inicia com uma síntese acerca do espaço que o autor estuda ao longo da obra, a *frontera cristiano-nazarí*. Esta contextualização encontra-se dividida em três partes oferecendo ao leitor uma excelente visão do espaço e do tempo (1236-1492) explorado nos capítulos seguintes.

No segundo capítulo, intitulado – “la ganadería² de la frontera” – apresenta os espaços naturais desta zona fronteiriça. Seria uma zona pouco povoada, com terrenos propícios para cultivo e pasto. Contudo, tal como o mesmo refere “la escasa población existente y el peligro de incursiones enemigas, las hacían poco explotables para su cultivo” (p. 42). Era, portanto, um espaço mais apropriado para a criação de gado que, em caso de emergência, poderia ser evacuado. A caça também constituía uma atividade de relevo, mas a atividade principal seria a “industria de la guerra” (p. 43).

Seguem-se quatro subcapítulos. No primeiro, o autor centra-se na atividade pastoril e na criação de gado. Destaque-se, neste ponto, a criação de gado suíno, bastante comum por não atrair a atenção do inimigo muçulmano. Por outro lado, o gado cavalariço, de grande utilidade bélica, não era criado nos espaços fronteiriços. No segundo explora um conjunto de espaços comunais dos concelhos, destacando a vigilância que aí era feita, através dos *guarda de heredades*, *guarda de campo* ou *guarda de montaraz*. Apresenta o caso concre-

¹ Este texto é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto FALCO – *Formulando a relação entre humanos e outras espécies no Portugal medieval (Hypothesising Human-Animal Relations in Medieval Portugal)* – com a referência EXPL/HAR-HIS/1135/2021.

² Este texto faz uso do termo castelhano “ganadería” sem recorrer à tradução para “ganadaria” porque, apesar da proximidade dos termos, os seus significados não são iguais.

to de algumas dessas defesas: *Matrera* (Sevilha), *Islas y Marismas* (Sevilha), *Madroñiz* (Córdoba), *Madroñicejo* (Córdoba). O terceiro ponto é dedicado às *hermandades* e *mestas ganaderas* que se constituíram no lado cristão da Andaluzia. O segundo capítulo finaliza com uma análise da produção de gado na Andaluzia no século XV, recorrendo a autores como Argente del Castillo e Carmona Ruiz para que o leitor “haga idea del panorama, y pueda orientarse sobre aquellas producciones, para luego por extensión configurar el posible mapa ganadero”.

No terceiro capítulo, o autor inicia o tópico central da obra: o cavalo, procurando caracterizar morfologicamente o cavalo da baixa Idade Média, no espaço de fronteira do sul da Península. Distingue dois tipos cavалares que existiriam nesse espaço: o “*caballo castellano*” – forte, poderoso, com cabeça de bom tamanho, pescoço engrossado e massa corporal poderosa (p. 68) – e o “*caballo andaluz o morisco*” – de menor alçada, cabeça e pescoço mais reduzidos e extremidades finas, mais ágeis e rápidos (p. 73-74). Esta tarefa é dificultada pela falta de fontes que permitam caracterizar estes aspetos e, tal como o autor refere, nem mesmo a iconografia permite uma análise rigorosa (p. 65). Desta forma, assume que a sua análise se sustenta, em boa parte, no profundo conhecimento que possui, não só da história animal, mas também da sua anatomia. Nos sub-capítulos 3.2 e 3.3, explora a criação cavalar, os esforços da coroa e dos concelhos para melhorar os equídeos produzidos e ainda as medidas tomadas para a proteção da espécie equina. No final do capítulo, o autor concretiza um dos principais objetivos da obra: definir a origem daquilo a que chama o *caballo de la frontera*, que mais tarde passaria a ser o *caballo andaluz* (p. 92-94).

No quarto capítulo, a relação homem-cavalo é trabalhada na perspetiva da História Militar. O autor aborda a importância deste animal nas *cabalgadas* (rápidas incursões em território inimigo), onde a velocidade e resistência do cavalo se revelavam como um fator fulcral. Explora também os diferentes tipos de cavalaria da época na zona da referida fronteira geográfica: os *caballeros de gracia*, os *caballeros de cuantía/premia* e os *caballeros hidalgos/ciudadanos*. Em seguida, trata diversas atividades paramilitares que serviam de preparação para a guerra a cavalo, sendo que algumas tinham lugar nos alardos: torneio, *juego de cañas*, *juego de la sortija*, ou a caça. Para concluir, através do exemplo de seis conflitos, centra-se no papel desempenhado pela cavalaria, designadamente: a batalha de Elvira (1319); a batalha do Salado (1340); a batalha de Aljubarrota (1385); a batalha de Higuera (1431); a batalha dos Alporchones (1452); e a guerra de Granada (1485-1492).

No início dos capítulos 5 e 6, torna-se evidente que o autor já completou o objetivo central da obra: definir a origem do cavalo andaluz. A moldura

temporal do título do livro (1236-1492) é, então, ultrapassada.

Segundo o autor é com a conquista de Granada (1492) que se consolida o conceito de Andaluzia. Dessa forma, o cavalo que até então vinha a apelar de *morisco* passa a denominar-se *andaluz*. A análise prossegue na transição do século XV para o XVI, chegando mesmo a ultrapassá-lo. Faz uma nova caracterização da *ganadería* em Espanha e da política de Isabel I e Fernando II – relativa ao cavalo – no seguimento da conquista de Granada. Avança para o reinado de Carlos V, e termina com uma abordagem centrada na *Real Yeguada de Aranjuez*, ao longo do século XVI.

O capítulo 5 parece constituir uma introdução para o capítulo final, onde o autor explora o cavalo andaluz durante o reinado de Filipe II. Apresenta uma divisão em tópicos de análise que se debruçam principalmente sobre: as *Caballerizas Reales de Córdoba* e a figura de Diego López de Haro, primeiro *Caballerizo Real de Córdoba* ao serviço da coroa na criação cavalár.

Não me parece problemático que a relação homem-cavalo seja abordada, sobretudo no último capítulo, num contexto que já se afasta do medievo. De qualquer forma, não deixo de realçar que se denota alguma discordância entre o título e o conteúdo da obra, na sua fase final, tendo em conta a relevância que o autor dá a um período que supera largamente o ano de 1492.

Nesta obra surgem diversas notas com informação bastante relevante e que despertam interesse quanto à sua origem. Contudo, sente-se a falta de algumas referências que remetam para as fontes que o autor consultou. Não só para consolidar e certificar a informação, mas sobretudo para remeter o leitor para uma obra onde se explorem essas temáticas de forma mais aprofundada. Na página 45, por exemplo, surge uma transcrição sem qualquer nota ou indicação da proveniência.

No decurso do capítulo 3.1, o autor refere em nota de rodapé que “Los portugueses llevaban tiempo comprando caballos en Niebla, e incluso se tienen noticias que a veces obtenían mediante contrabando caballos moriscos para ser utilizados como sementales” (p. 72). Embora esta informação seja de grande interesse, este é um dos casos em que se verifica a falta de alguma fonte que a sustente. Esta questão ganha maior dimensão no seguimento desta nota, onde Eduardo A. Carmona acrescenta: “Así pues llegado el momento de la batalla de Aljubarrota (1385), los portugueses contaban con una cabaña importante de este tipo de caballos ligeros, los caules se enfrentaron a los caballos castellanos. El resultado fue tan sorprendente que a partir de entonces los castellanos, dejaron de confiar en el tipo de caballo que utilizaban, para recomendar el uso de los caballos jinetes (morisco)” (p. 72). No final desta nota remete para um capítulo posterior, onde escreve acerca da batalha de Aljubarrota. Nesse capí-

tulo resume brevemente a batalha de Aljubarrota e acrescenta: “los castellanos atacaron en una segunda oleada com todo, viéndose rodeados por los costados por los lanceros portugueses que montaban caballos ligeros (la mayoría procedentes de Andalucía), ocasionando la derrota del ejército castellano”. Neste contexto, a falta de referências bibliográficas ou documentais torna a questão bastante crítica. Há várias ideias, ao longo dos três excertos aqui apresentados, que nos são dadas como certas, pelo autor, mas que não se podem confirmar. Dou, como exemplo, o momento em que o autor afirma que as forças portuguesas montavam cavalos cuja proveniência era maioritariamente andaluza e que foi esse o motivo que levou à derrota castelhana em Aljubarrota. Dada a afirmação, seria pertinente a citação de bibliografia ou registo documental que a sustentasse.

Em suma, o objetivo desta obra parece-me, acima de tudo, o de compilar e teorizar a produção historiográfica de maior relevo acerca do cavalo andaluz. Não se apresenta uma extensa e inédita recolha documental acerca do cavalo, mas sim uma importantíssima seleção de um conjunto muito atualizado de obras, interligando-as de forma a criar uma visão completa e bem sequenciada. Resulta, portanto, num texto simples e claro, dirigido a um público alargado, que apenas poderia ser feito por alguém com vasto conhecimento sobre o cavalo e a história da sua relação com o homem.

AFONSO SOARES DE SOUSA

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras | Universidade Nova de Lisboa, IEM NOVA/FCSH

afonso.sousa1@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7634-7559>

